

---

## O SALMO 22 (21) E A HISTÓRIA DA PAIXÃO

Luís I. J. Stadelmann S.J.  
Belo Horizonte — MG

### INTRODUÇÃO

As freqüentes citações do SI 22 (21) na "História da Paixão" provam que a Igreja primitiva viu íntima relação entre as palavras angustiadas de Jesus na cruz e a suprema aflição do justo sofredor. Aqui têm sua expressão mais candente a angústia humana, a tentação ao desespero e o milagre da reversão do sofrimento em júbilo de salvação. Ao assumir a prova extrema de se sentir abandonado por Deus, Cristo penetrou no mais profundo isolamento humano e assumiu nosso sofrimento até o extremo. A indagação desesperada dos que mais sofreram neste mundo é conhecida por aquele no qual a bondade divina se encarnou. Sendo a morte de Cristo o paradigma do sofrimento humano, este salmo, integrado na "História da Paixão", é representativo dos salmos de lamentação. Entretanto, a profunda modificação introduzida neste salmo está na súplica, que em tais salmos vem acompanhada de impreciação contra os inimigos, aqui substituída pela intercessão de Cristo em favor dos pecadores. A ação de graças pela libertação, na segunda parte do salmo, constitui o núcleo da mensagem da ressurreição, proclamada pela Igreja, que entende a paixão-morte-ressurreição como a decisiva intervenção de Deus, que, trazendo-nos a salvação definitiva, nos libertou da angústia e do desespero.

Pela íntima relação entre a Paixão de Cristo e a aflição do justo sofredor, e entre a ressurreição e a salvação do justo, celebrada na liturgia de ação de graças, o SI 22 forneceu aos três Sinóticos o esquema da composição literária da "História da Paixão". O motivo, porém, da estruturação da "História da Paixão" segundo esse esquema reside no próprio significado dos acontecimentos aí relatados, cujo verdadeiro sentido só pode ser entendido à luz da revelação. Outrossim, o conteúdo do *querigma* cristão consiste no anúncio dos acontecimentos históricos da morte e ressurreição de Cristo (1), que

---

(1) A ressurreição, embora transcenda a história, não é um evento puramente supra-histórico ou extra-histórico, pois tangencia a história nos encontros das testemunhas com o Cristo ressuscitado e na descoberta do túmulo vazio.

---

constituem o cumprimento das profecias e representam a intervenção de Deus e a salvação da humanidade. Para a Igreja nascente, esses acontecimentos constituem, por um lado, o princípio de continuidade entre o Jesus da história e o Cristo da fé, e, por outro lado, são o fato decisivo da descontinuidade entre o cristianismo e o judaísmo.

## I. SALMO 22: AFLIÇÃO E AÇÃO DE GRAÇAS DO JUSTO

### *Estrutura do Salmo 22*

*1ª Parte:* Lamentação individual (v.2-22)

Invocação (v. 2-3)

Lamentação (v. 4-12): três argumentos

1. Lição do passado (v. 4-6)
2. Situação presente (v. 7-9)
3. Angústia pessoal (v. 10-12)

Descrição do sofrimento (v. 13-19): três cenas

1. Dores cruciantes (v. 13-14)
2. Agonia (v. 15-16)
3. Estertores da morte (v. 17-19)

Súplica e atendimento (v. 20-22)

*2ª Parte:* Ação de graças (v. 23-29): três conseqüências

1. Povo eleito (v. 23-25)
2. Grande assembléia (v. 26-27)
3. Reino universal (v. 28-29)

Conclusão (v. 30-32): perspectiva futura

Este salmo é, na literatura bíblica, das mais profundas expressões do sofrimento humano. Compõe-se de duas partes: lamentação individual (v. 2-22) e hino de ação de graças (v. 23-32). Privado da presença divina e solitário em sua dor, o salmista apela ao Deus da santidade para lembrar-lhe as promessas relativas aos justos. Depois de relatar seus sofrimentos morais e espirituais, alude, em seqüência trágica, às dores físicas e ao terror da morte. Do extremo da dor passa à certeza da esperança: a salvação está garantida e tão próxima que já se pode convidar a comunidade dos fiéis ao agradecido louvor de Deus, cujo desígnio de salvação se estende ao mundo inteiro e às gerações futuras.

*Invocação:* (v. 2-3). O salmo começa, sem preâmbulo, com um grito angustiado, dirigido a Deus, cuja aliança com o povo eleito vin-

---

cula a Ele os fiéis por relação interpessoal, expressa pela invocação "meu Deus". Mas, na atual situação aflitiva, o sofredor questiona essa relação, na lamentação sobre a ausência de Deus.

2Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?

Longe estão de valer-me (2) as palavras de meus brados.

3Meu Deus, clamo de dia, e não respondes;  
de noite, e não encontro sossego.

Segue a *lamentação* (v. 4-12) em forma de questionamento. Para descrever o sofrimento moral e inspirar a Deus compaixão, a lamentação é formulada em termos de questionamento, que desenvolve três argumentos: sempre socorreste aqueles que te invocavam (v. 4-6); eu me tornei objeto de zombaria por ter confiado em ti (v. 7-9); tu sempre cuidaste de mim (v. 10-12).

*Lição do passado* (v. 4-6). O homem sofredor lembra a Deus que Ele, embora transcendente por sua santidade absoluta, não é inacessível, pois estabeleceu a mediação de sua presença para o louvor de Israel. O retrospecto sobre a intervenção salvífica de Deus e o acolhimento benévolo que Ele sempre tem dado aos que nele confiavam questiona sua ausência atual em relação ao homem angustiado.

4Todavia tu és o Santo,  
entronizado para louvor de Israel (3).

5Em ti confiavam nossos pais;  
confiavam, e tu os punhas a salvo;

6clamavam a ti e ficavam livres,  
confiavam em ti e nunca foram decepcionados.

*Situação presente* (v. 7-9). Seu sofrimentos moral e espiritual torna-se ainda mais intenso pelo fato de ser objeto de zombaria por sua confiança em Deus, igualmente desprezado como pseudo-salvador.

7Mas eu sou um verme e não mais um homem,  
o opróbrio dos homens e o desprezo do povo.

8Todos os que me vêem zombam de mim,  
torcem os lábios e meneiam a cabeça:

9"Recorra ao SENHOR (4), para que ele o ponha a salvo  
e o liberte, se tanto o ama!"

---

(2) Lit. "minha salvação".

(3) O sentido de finalidade é determinado pela função do louvor, enquanto em 1 Sm 4,4 o sentido é local, determinado pela função dos querubins.

(4) No hebraico, o verbo está no imperativo com sentido irônico.

---

*Angústia pessoal* (v. 10-12). A experiência pessoal do sofredor atesta, porém, sua relação amorosa com Deus, que os zombadores blasfemam. Antes que ele professasse a fé em Deus, a solicitude e ternura de sua mãe eram a expressão da própria bondade divina para com ele. A ausência de Deus no momento de perigo de vida intensifica ao extremo sua dor.

- 10 Na verdade, és tu que me tiraste do ventre materno  
e me confiaste aos seios de minha mãe.  
11 Desde o nascimento estou aos teus cuidados,  
desde o ventre de minha mãe és tu meu Deus.  
12 Não fiques tão longe de mim! pois o perigo está perto,  
e não há quem me ajude.

Segue a *descrição do sofrimento* (v. 13-19). Com todo o realismo, um tríptico encena o estado físico do homem sofredor, cercado de inimigos.

*Dores cruciantes* (v. 13-14). Imagens tiradas do ambiente rural — novilhos, touros, leões — como metáforas dos líderes do povo (cf. Sl 68,31), representam, por metonímia, indicando o efeito pela causa, as dores cruciantes causadas por eles.

- 13 Rodeiam-me muitos novilhos,  
cercam-me touros de Basã.  
14 Abrem contra mim suas fauces  
leões que devoram e rugem (5).

*Agonia* do supliciado (v. 15-16), em extrema prostração física, por força do esgotamento e do ardor febril.

- 15 Estou como água derramada  
e tenho todos os ossos desconjuntados.  
Meu coração é como cera,  
a derreter-se em minhas entranhas.  
16 Meu vigor está ressequido como barro queimado,  
minha língua adere ao paladar,  
e tu me lanças ao pó da morte.

---

(5) A palavra "leões" no hebraico está no sg. coletivo.

---

Os *estertores da morte* (v. 17-19) são comparados a mastins ros-  
mentos. A imagem da matilha de cães é aqui usada para descrever um  
bando de algozes na execução do sofredor. As vestes do supliciado —  
que só elas lhe restam — pertencerão legalmente aos algozes, que as  
repartem entre si, como se o moribundo já estivesse morto.

- 17 Na verdade, rodeiam-me mastins (6),  
cerca-me um bando de malfeitores,  
e estou tolhido de mãos e pés (7);  
18 posso contar todos os meus ossos.  
Eles fixam o olhar em mim e me observam;  
19 repartem entre si minhas vestes  
e sobre minha túnica lançam a sorte.

Segue a *súplica e atendimento* (v. 20-22). A súplica a Deus  
busca evitar a morte, visualizada na espada, e o sofrimento, simbo-  
lizado nas garras do cão, nas fauces do leão e nos chifres do búfalo. A  
expressão concisa — “tu me atendeste” — quer salientar que o aten-  
dimento divino supera toda a expectativa humana em prontidão  
e eficácia.

- 20 Mas tu, SENHOR, não fiques tão longe!  
tu, minha força, vem depressa em meu auxílio!  
21 livra da espada minha vida,  
minha única vida (8), das garras dos cães!  
22 salva-me das fauces do leão  
e dos chifres dos búfalos!  
E tu me atendeste (9).

---

(6) No hebraico consta o termo genérico “cães”.

(7) O sentido de “estar tolhido” é tradução do verbo hebraico *kwr* “amarrar”,  
em sentido figurado “estar tolhido”. A tradução grega Símaco “procuran-  
do amarrar” (*zetoũntes dêsai*) e Áquila, na 2ª ed. “amarraram” (*epédesan*),  
supõe aqui tal verbo em hebraico, que não ocorre em outros textos. A tra-  
dução “perfuraram” (*óryxan*) da LXX supõe o verbo hebr. *krh*. A forma  
verbal no pl. das traduções gregas baseia-se em variante textual hebr. do  
verbo no pl., enquanto no TM o verbo está no particípio sg. com pronome  
pessoal da 1ª p. sg.

(8) No hebr. “minha única”, subentendendo a palavra “vida”.

(9) A forma verbal no hebr. é o “perfeito de confiança”, i.e. “tu me atendes”  
usado para exprimir fatos que indubitavelmente são iminentes, e por isso  
o autor já os considera realizados; cf. Jo 19,30 “tudo está consumado”. A  
tradução grega Símaco substitui o verbo pelo substantivo “minha miséria”  
(*tên kakosín mou*) e a LXX, por “minha humildade” (*tên tapeínosín mou*).

---

Segue a *ação de graças* (v. 23-29). No confronto entre a descrição do homem solitário em sua dor e o feliz convívio na comunidade dos fiéis, ressalta uma constante da oração bíblica: as lágrimas interessem apenas a Deus, enquanto a alegria da experiência de salvação visa reconfortar toda a comunidade. A ação de graças pela intervenção salvífica de Deus é celebrada por liturgia de três ritos: celebração de louvor, banquete de participação no sacrifício, e profecia do anúncio de salvação universal. Os participantes da liturgia a beneficiar-se da salvação divina constituem a comunidade dos fiéis, que cresce em três etapas: o povo de Israel (v. 23-25), a grande assembléia, com a inclusão de prosélitos (v. 26-27), e as nações pagãs convertidas (v. 28-29). São três conseqüências do sofrimento do justo.

*Povo eleito* (v. 23-25): a 1ª conseqüência é a salvação do povo eleito. Libertado de seus males, o homem rende a Deus a ação de graças. Também seus parentes, a comunidade dos fiéis e todo o povo eleito, que se beneficiam da salvação divina, participam do louvor e agradecimento. O sofrimento é, assim, mensagem de salvação para o povo eleito.

- 23 Falarei do teu nome aos irmãos,  
louvar-te-ei no meio da assembléia:  
24 "Vós, que temeis o SENHOR, louvai-o!  
glorificai-o vós todos, descendentes de Jacó!  
venerai-o vós todos, descendentes de Israel (10)!"  
25 porque ele não desprezou nem desdenhou  
o aflito em sua tribulação (11)  
nem lhe ocultou a face,  
mas ouviu-o, quando gritou por socorro."

*Grande assembléia* (v. 26-27): a 2ª conseqüência é a participação da grande assembléia no sacrifício e no louvor divino. No rito de ação de graças é oferecido um sacrifício, acompanhado de oferendas, que são distribuídas entre os participantes, especialmente os pobres, viúvas, órfãos e estrangeiros. Assim a celebração do sacrifício, oferecido no meio da grande assembléia, rende a Deus o louvor e cumpre, diante do altar, os votos do homem sofredor.

---

(10) Lit. "temei-o".

(11) Lit. "a tribulação do aflito".

- 
- 26 De ti vem meu louvor na grande assembléia.  
Cumpro meus votos diante dos que o temem (12).
- 27 Os desvalidos comerão até saciar-se,  
louvarão o SENHOR os que o buscam:  
"Viva o vosso coração para sempre!"

*Reino universal* (v. 28-29): a 3ª conseqüência é a ocasião de conversão dos povos e de implantação do reino universal de Deus. Do âmbito nacional israelita, a perspectiva se estende a todas as nações. Graças à intervenção divina, que libertou de seus sofrimentos o justo, os israelitas participam de sua salvação e de seu louvor a Deus, dando-se aos povos pagãos ocasião de conversão, para a implantação do reino universal de Deus.

- 28 Do SENHOR se lembrarão e a ele se converterão  
todos os confins da terra,  
e diante de sua face se prostrarão  
todas as famílias das nações,  
29 porque do SENHOR é a realeza  
e é ele quem governa as nações.

*Conclusão* (v. 30-32). Com a conversão dos povos, até os poderosos se associarão aos humildes, que constituem a grande maioria dos mortais, e tomarão parte no sacrifício de ação de graças para celebrar a soberania de Deus e a salvação por Ele realizada. A conclusão do salmo abre a visão prospectiva, na esperança e no desejo de que as gerações vindouras se mostrem fiéis no louvor a Deus e transmitam aos pósteros a mensagem da salvação divina.

- 30 Saciados (13), se prostrarão todos os potentados da terra,  
diante dele se inclinarão todos os que descem ao pó.  
Já que ninguém conserva viva sua alma,  
31 que o sirvam os descendentes (14)  
e falem (15) do Senhor à geração vindoura,  
32 e ao povo que há de nascer  
proclamem a justiça (16) que ele fez!

---

(12) Transição da oração dirigida a Deus para discurso declarativo.

(13) Lit. "eles comeram".

(14) Lit. "descendência" em sentido coletivo.

(15) Lit. "será narrado".

(16) Lit. "sua justiça".

---

Pela análise deste salmo, distinguem-se nitidamente duas partes que estão intimamente relacionadas entre si, não apenas pelo contraste na forma literária — elegia e hino — e no conteúdo doutrinal — sofrimento e libertação —, mas principalmente pelo tema central, que unifica as duas, a saber: a salvação divina. Enquanto a primeira parte, formulada em lamentação individual (v. 2-22), expõe o pedido insistente pela salvação divina, a segunda parte, expressa em hino de ação de graças (v. 23-32), exprime o agradecimento pela obtenção da salvação divina. O elo de ligação entre as duas partes é a súplica e o atendimento (v. 20-22): a súplica resume em forma concisa os efeitos da ausência de Deus, ao passo que o atendimento assinala a guinada radical produzida pela presença de Deus, que intervém em favor do homem sofredor. Uma característica toda peculiar da composição literária deste salmo é a elaboração da lamentação e da descrição do sofrimento, na primeira parte, e da ação de graças, na segunda parte, em três cenas em forma progressiva: os dois trípticos da primeira parte apresentam a hostilidade de todos contra um, ao passo que o tríptico da segunda parte encena a benevolência de um para com todos.

Do ponto de vista teológico da tradição do AT, a enfermidade era associada a pecados pessoais que acarretavam os juízos punitivos de Deus, visualizados na debilidade física e nos sofrimentos morais. Considerado por todos como um maldito de Deus, o enfermo era afastado do convívio humano e excluído da vida litúrgica, para evitar-se o contágio da maldição divina na sociedade e a profanação do templo. Relegado ao ostracismo, o enfermo se considerava como um morto, cuja única esperança de libertação dos males não consistia na morte prematura, que na concepção do AT era considerada como sinal da rejeição divina, mas na cura da doença, que lhe permitisse a reabilitação na sociedade e a participação na liturgia. O atendimento da súplica do enfermo (v. 22c) é respondido por uma exclamação, que reabilita o sofredor e confirma sua confiança na salvação divina.

## II. "HISTÓRIA DA PAIXÃO"

A "História da Paixão" relatada nos Sinóticos apresenta as características de uma narrativa contínua, composta de episódios ligados entre si por um objetivo comum que os unifica, em contraste com as outras partes dos respectivos Evangelhos, compostos de unidades literárias soltas, unidas entre si apenas por afinidade temática ou semelhança episódica, estruturadas segundo a orientação teológica própria de cada evangelista. No relato da "História da Paixão", po-

---

rém, os Sinóticos aderem estritamente ao esquema apresentado por Marcos, de modo a não modificarem a seqüência dos eventos de maneira como costumam fazer nas secções anteriores, nem tampouco João toma a liberdade de reelaborar os fatos imediatamente relacionados com a morte de Cristo. A "História da Paixão" é uma narração sóbria e esquemática, cujas linhas essenciais foram fixadas na tradição da Igreja primitiva; posteriormente foi elaborada pelos evangelistas, que tomaram em conta os dados de que dispunham, atendendo, porém, aos objetivos doutrinários, em vista dos respectivos auditórios aos quais se dirigiam. Embora os quatro relatos da "História da Paixão" se distingam por características literárias, acréscimos e enfoques teológicos próprios de cada evangelista, esses relatos não são uma criação literária puramente individual, mas obra da comunidade cristã, na sua profissão de fé: "que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado, e que ressurgiu ao terceiro dia, segundo as Escrituras; que apareceu a Cefas, depois aos Doze" (1 Cor 15,3-5) (17).

#### *Divisão da "História da Paixão"*

- Introdução à "História da Paixão" (Mc 14,1-11)
- Última Ceia: Instituição da Eucaristia (v. 12-25)
- Profecia sobre a negação dos discípulos (v. 26-31)
- Getsêmani e prisão (v. 32-52)
- Processo judaico (v. 53-72)
- Processo romano (15,1-20a)
- Crucifixão (v. 20b-32)
- Morte na cruz (v. 33-37)
- Testemunhas da morte (v. 38-41)
- Sepultamento (v. 42-47)
- Ressurreição e aparições (16,1-8)

Uma visão de conjunto dos elementos que compõem a "História da Paixão" mostra, antes de tudo, uma narrativa cujos episódios são concatenados em seqüência cronológica. Para serem demonstrados autênticos, como dados da história de Jesus, os episódios são situados no contexto histórico-ambiental da Palestina do tempo de Jesus, por referência a personagens — Herodes, Pilatos, Anás e Caifás —, lugares — Jerusalém, Getsêmani, o Templo, o Gólgota —, ritos, festas e costumes. Mas o que causa mais pasmo na "História da Paixão" é o fato de ter Jesus terminado na morte ignominiosa, condena-

---

(17) Em lugar de "Doze" a Vulgata tem "Onze"

---

do como criminoso pelo tribunal romano, sem haver intervenção de Deus para salvar seu Filho e refutar a acusação de blasfêmia contra ele levantada na corte judaica, quando ele proclamou sua divindade. Cumprir descobrir, no relato da "História da Paixão", a argumentação implícita nas palavras de Jesus, visando, não apenas refutar a acusação de culpa que merecesse a condenação à morte pelo tribunal romano e desmentir a objeção de blasfêmia a Deus, levantada pelo sinédrio, mas provar a inocência de Jesus e mostrar, pela Escritura, o expreso desígnio de Deus de realizar a salvação por meio do sofrimento e da glorificação de seu Filho. A prova desse desígnio salvífico de Deus não está necessariamente nas citações de determinados versículos do AT — pois o autor bíblico pode ter-se baseado ainda em outros textos, além dos citados — mas o núcleo central de toda a Escritura deve ser compreendido como testemunho a respeito de Cristo. Ao aduzir a autoridade da Escritura, procura-se mostrar que o desígnio da salvação divina em benefício de todos os homens se realiza pela mediação de Jesus, o Messias crucificado-ressuscitado; esse fato se compreende mais plenamente à luz da profecia de Isaías sobre o servo paciente e glorificado (Is 52,13-53,12) e do Sl 22, cuja estrutura constitui o esquema interpretativo da "História da Paixão".

### *Estrutura da "História da Paixão"*

#### *1ª Parte: A. Desígnio da salvação divina (Mc 14,1-31)*

1. Páscoa (v. 1-11)
  2. Eucaristia (v. 12-25)
  3. Misericórdia divina (v. 26-31)
- B. Salvação divina por mediação de J. Cristo (14,32-15,32)
1. Filho de Deus (14,32-72)
  2. Rei dos judeus (15,1-20a)
  3. Cruz (v. 20b-32)
- C. Atualização da salvação divina (15,33-47)
- Prece e morte de Jesus (v. 33-41)
- Sepultamento (v. 42-47)

#### *2ª Parte: Conseqüência da salvação divina: anúncio de J. Cristo aos homens (16,1-8)*

1. Discípulos (16,7)
2. Irmãos de Cristo (Mt 28,10)
3. Povos (Mt 28,19)

---

A estrutura da "História da Paixão" corresponde à do SI 22, tanto pela divisão em duas partes como pela subdivisão tripartida de cada uma das seções. À primeira vista, este critério de divisão, baseado na forma literária, é apenas de ordem extrínseca, comparável a tantos outros, tais como: a divisão das perícopes segundo o esquema de paralelismo temático ou literário, a seqüência cronológica, a mudança de cenário, de personagens, de ação dramática, etc. A correspondência na estrutura das duas composições não é mera coincidência no plano literário, mas mostra, nos evangelistas, a intenção de aplicar, segundo o costume da Igreja primitiva, o princípio hermenêutico do cumprimento da Escritura do AT no NT. Essa aplicação dos textos do AT para a compreensão dos acontecimentos da vida de Jesus Cristo e de sua doutrina não é motivada por finalidade apologética, embora tal finalidade não esteja totalmente ausente na argumentação da comunidade dos cristãos contra o judaísmo, mas provém da convicção de que a história da salvação segue o esquema traçado por Deus, dentro do qual os homens podem mover-se livremente, respondendo positivamente ou negativamente à interpelação de Deus.

Além do esquema fornecido pelo SI 22 aos Sinóticos para a divisão e a subdivisão dos elementos da "História da Paixão", verifica-se a influência das características do gênero literário da lamentação, no qual os evangelistas se inspiraram na descrição dos episódios da Paixão, contrastando com as características da liturgia de ação de graças, que marcam o relato da Ressurreição. Em razão disso, a referência à festa da Páscoa vem acompanhada pela informação sobre a conspiração dos príncipes dos sacerdotes contra Jesus; a unção em Betânia resulta em descabida crítica ao "desperdício de dinheiro"; o relato da instituição da Eucaristia é situada no contexto da traição de Judas e da negação de Pedro, preditas por Jesus; o messianismo transcendente, representado por Jesus, é contestado pelos sacerdotes em meio a insultos; o messianismo político, acalentado pela crença judaica, torna-se objeto de escárnio entre a soldadesca romana; o mistério da filiação divina de Jesus é revelado na cruz pela palavra do oficial romano, formulada em termos de testemunho de fé cristã; a instituição do templo é substituída por um organismo vivo no momento da morte de Jesus. O paralelo entre o relato da Paixão e a lamentação do SI 22 não se baseia apenas na semelhança entre a situação aflitiva de Jesus e a do justo sofredor, mas provém da intenção de destacar, por via de contraste, a inocência do justo em meio à provação, o plano salvífico de Deus em confronto com o plano criminoso dos homens, e a misericórdia divina, que supera a

malícia humana. Visa-se assim ressaltar o impacto da intervenção salvífica de Deus na história; tal intervenção se revela, de modo negativo, como juízo sobre a ação do homem impenitente e, de modo positivo, como poder de redenção.

O relato da Ressurreição se reveste de características litúrgicas, à semelhança da celebração da liturgia de ação de graças, delineada na segunda parte do Sl 22. As mulheres que testemunharam a morte de Jesus e seu sepultamento são as primeiras a beneficiar-se da salvação divina, fruto do sacrifício redentor. É uma experiência que necessariamente leva a comunicar-se aos outros. O núcleo dessa mensagem não é, porém, a experiência subjetiva; é o fato da ressurreição, como a definitiva intervenção de Deus, pela qual Jesus é libertado da morte, e como presença do Cristo ressuscitado na comunidade dos fiéis, que gradativamente se vai constituindo a partir dos discípulos, dos "irmãos" de Cristo até incluir todos os povos.

### *Paralelo entre o Sl 22 e a "História da Paixão"*

#### *1ª Parte*

<i>Lamentação individual</i>	<i>Relato da Paixão (Mc 14,1-15,47)</i>
Invocação	Introdução cronológica (14,1)
Lamentação: três argumentos	A. Desígnio da salvação divina (14,1-31)
1. Lição do passado	1. Páscoa (v. 1-11)
2. Situação presente	2. Eucaristia (v. 12-25)
3. Angústia pessoal	3. Misericórdia divina (v. 26-31)
Descrição do sofrimento: três cenas	B. Salvação divina por mediação de Jesus Cristo (14,32-15,32)
1. Dores cruciantes	1. Filho de Deus (v. 32-72)
2. Agonia	2. Rei dos judeus (15,1-20a)
3. Estertores da morte	3. Cruz (v. 20b-32)
Súplica e atendimento	C. Atualização da salvação divina (15,33-47)
	Prece e morte de Jesus (v. 33-41)
	Sepultamento (v. 42-47)

---

## 2ª Parte

*Ação de graças*  
três conseqüências

1. Povo eleito
  2. Grande assembléia
  3. Reino universal
- Conclusão: perspectiva futura

*Relato da Ressurreição*: conseqüência da salvação: anúncio de Jesus Cristo aos homens (16,1-8)

1. Discípulos (16,7)
  2. Irmãos de Cristo (Mt 28,10)
  3. Povos (Mt 28,19)
- Conclusão: presença de seu Espírito (Mt 28,20; Lc 24,49)

## 1ª Parte: *Relato da Paixão*

Estabelecendo um paralelo entre o Sl 22 e a "História da Paixão", aparece, em primeiro lugar, o nexos entre a primeira e a segunda parte, e ainda o tema central que as unifica; em segundo lugar, ressaltamos o aspecto real da mensagem cristã, que não se reduz a uma construção mítica, nem foge ao mais crucial problema da existência humana: o sofrimento, mas, ao contrário, valoriza-o pela função redentora que lhe advém da Paixão de Cristo.

A relação entre a Paixão e a Ressurreição não é oposição entre dois termos contrários, tais como derrota e vitória, como se a Ressurreição compensasse, com a vitória da vida eterna, a derrota infligida pela morte na cruz. Paixão e Ressurreição formam uma unidade indissolúvel, à base do desígnio salvífico de Deus, que as unifica e que constitui o tema central da "História da Paixão". Enquanto a Paixão manifesta o oferecimento do sacrifício, a Ressurreição revela o valor desse sacrifício autenticado pela intervenção de Deus na glorificação de seu Filho (18).

### A. *Desígnio da Salvação Divina*

#### *Introdução à "História da Paixão" (Mc 14,1-11)*

Os três primeiros episódios da "História da Paixão" tratam do desígnio da salvação divina, revelado na celebração da festa da Pás-

---

(18) Cf. A. VANHOYE, "Structure et théologie des récits de la Passion dans les évangiles synoptiques", em *NRT* 99 (1967), 135-163.

---

coa, como prelúdio ao Êxodo do AT, renovado no NT pela instituição da Eucaristia e continuamente atualizado pela misericórdia divina. Enquanto o Sl 22 inicia a oração com a invocação de Deus, motivada pelo sofrimento moral que resulta da ausência do Deus da aliança, os Sinóticos relatam a causa e a conseqüência dessa ausência na cena da conspiração contra Jesus, tramada por pessoas que, por sua função como sacerdotes e como mestres da revelação, deveriam ser os mediadores da presença divina (19). A referência à festa da Páscoa, marcando a data da conspiração, não é mera indicação cronológica, mas a chave interpretativa do plano da salvação divina. Essa solenidade máxima da religião israelita era celebrada por três ritos litúrgicos: o rito da páscoa, que consistia na manducação do cordeiro, o rito dos pães ázimos e o rito da consagração dos primogênitos; esses três ritos eram historizados pela narração dos eventos ocorridos no Egito, às vésperas do Êxodo, a saber: a proteção dos israelitas durante a noite trágica, sua saída apressada do Egito e a manutenção dos primogênitos egípcios. Pela celebração da Páscoa se evocava a intervenção divina em favor dos israelitas e se atualizava a salvação divina para cada geração (cf. Sl 22,4-6). Os ritos da páscoa e dos pães ázimos são aplicados a Cristo, que, como personalidade representativa do povo de Deus, atualiza a experiência salvífica de Israel na noite trágica e na saída apressada. Essa atualização do Êxodo não reproduz meramente uma experiência passada, mas dá-lhe um sentido novo: a vida pública de Jesus assemelha-se ao Êxodo, passagem do sistema religioso do AT para o sistema religioso do NT. O rito da consagração é simbolizado na unção em Betânia. A unção com unguento precioso era usada como rito religioso no AT, destinado à consagração do rei e do sumo-sacerdote, e como gesto de deferência, em uso no antigo Oriente, para expressar a estima ao convidado de honra. A interpretação dessa unção como rito funerário contém a justificativa desse gesto de deferência, rebatendo as críticas ao "desperdício", e constitui a transição para o tema do plano humano, oposto ao plano divino. Com esse enquadramento, ressalta-se o tema central do plano salvífico de Deus, revelado na história pelo Êxodo e evocado na liturgia pela celebração anual da Páscoa. Entretanto, o plano salvífico de Deus é posto em xeque pelo plano humano, visua-

---

(19) Os escribas (*grammateis*) eram, no tempo de Cristo, os homens letrados, versados na ciência do direito, ou da administração pública ou do ensino. Os escribas "ordenados" eram os intérpretes autorizados da Lei divina. Cf. J. JEREMIAS, *Jesuralem zur Zeit Jesu*, 3ª ed., Göttingen 1969, 265-278.

---

lizado na conspiração dos líderes judeus, motivada pela ambição, e na traição de Judas, motivada pela cobiça.

### *Última Ceia e Instituição da Eucaristia (Mc 14,12-25)*

Pela análise comparativa das secções referentes ao SI 22 e à "História da Paixão", podemos assinalar elementos semelhantes e dissemelhantes, tais como aparecem em SI 22, 7-9; a presente aflição do homem sofredor, que, comparado a um verme, é, em sua condição desprezível, afastado do convívio humano e tratado com opróbrio; unicamente Deus pode salvá-lo, já que, em nível humano, não há salvação possível; a intervenção salvífica de Deus é motivada pelo amor, como expressão da gratuidade divina em doar-se livremente à criatura; a salvação divina se insere no rol das promessas anexas à aliança sagrada.

Quanto à "História da Paixão", verifica-se a intenção dos Sinóticos de compor uma narrativa contínua, situando neste relato algumas passagens tiradas de outro contexto. A situação de Jesus e dos discípulos é aqui apresentada no presente histórico, em vista de uma atualização dramática, como também no pretérito, para o registro dos atos realizados naquela ocasião. A comunhão de vida entre Jesus e os discípulos é visualizada em termos de comensalidade, estabelecendo-se os laços de fraternidade humana, na Última Ceia, e de união sacramental, na Eucaristia. Em contraste, a traição de Judas rompe essa vinculação, visando o afastamento de Jesus do convívio humano. Embora o ato de Judas não o exonere de sua responsabilidade, a entrega de Jesus às mãos dos pecadores faz parte do desígnio divino, que constitui o caminho que Jesus deve seguir.

A respeito da instituição da Eucaristia, convém notar que as palavras da instituição têm originariamente uma tradição independente, que a crítica das fontes (Formgeschichte) procura estudar pela descrição da trajetória dessa perícopa, desde as origens até à última redação nos Evangelhos. Pela inserção dessa perícopa no relato da Paixão, ressalta-se o sentido do desígnio da salvação divina, atualizado pela Eucaristia. Da análise das palavras da instituição, no texto de Lc 22,20 – diferente porém de Mc 14,24 (par. Mt 26,28) – resulta que o pensamento central, determinante do tema, é a instituição da nova aliança, como base do relacionamento entre Deus e seu povo

---

(20). Como dom dessa vinculação, simbolizado na oferta do cálice (cf. 1 Cor 11,24s) (21), o significado último de "meu sangue" não é, propriamente, a substância física do sangue, mas a vida que é entregue no momento da morte (22), como também o significado último de "meu corpo" não é a substância física do corpo, mas a existência humana de Jesus Cristo, que em sua morte, ofertada a Deus, engloba todos os atos de sua dedicação aos homens. "Em virtude do sangue, isto é, em virtude da morte de Cristo, realiza-se a nova aliança, e os participantes do rito da oferta do cálice se associam realmente à aliança instituída pela morte de Jesus Cristo. Eles estão inseridos na nova ordem salvífica divina, de dimensão escatológica, e, por conseguinte, na nova existência" (23).

O tema central da palavra sobre o cálice, segundo a formulação de Mc 14,24 (par. Mt 26,28), é a expiação vicária, em benefício de muitos, isto é: de toda a humanidade. Assumindo a culpa dos pecados da humanidade, Cristo realizou, por sua morte, a expiação e mereceu a salvação que beneficia todos os homens. Ao tema central da expiação está associado o tema secundário do sacrifício de aliança e, eventualmente, também o do sacrifício de expiação. Segundo Mc 14,24, a morte de Jesus realizou a expiação definitiva, de alcance escatológico e universal; seus efeitos redundam em benefício dos participantes da Ceia do Senhor, que são os membros da nova aliança que orienta sua vida. A morte de Jesus não é, portanto, um malogro

- 
- (20) Mc 14,24 (par. Mt 26,28), com a expressão "meu sangue da aliança", admite a restauração da aliança do AT, não em termos de continuidade entre a Igreja e o Israel histórico, mas como revalidação da aliança feita com o autêntico povo do AT, aliança que se tinha realizado plenamente apenas com alguns eleitos e expoentes do povo de Israel — Abraão, Moisés, Davi, os profetas e os homens de fé —, ao passo que Lc 22,20, com a expressão "nova aliança no meu sangue", afirma, de acordo com a teologia paulina (Rm 3,25s), a antítese da antiga aliança, de validade limitada a Israel; a nova aliança é destinada a todos os fiéis em Cristo.
- (21) O texto de S. Paulo, de formulação assimétrica, é mais antigo em relação à formulação de Mc 14,22+24, que, pelo paralelismo simétrico, representa um estágio posterior. Cf. H. KESSLER, *Die theologische Bedeutung des Todes Jesu*, Düsseldorf 1970, 277-281.
- (22) Cf. J. GNILKA, "Wie urteilte Jesus über seinen Tod?", em *Der Tod Jesu: Deutungen im Neuen Testament*, (Quaestiones Disputatae 74), ed. K. KERTELGE, Freiburg 1976, 13-50, esp. 47.
- (23) H. KESSLER, *op. cit.* 280.

---

nem o fim absoluto de sua missão, mas um evento ao qual seguirá o iminente advento do reino de Deus (Mc 14,25 e par.) (24).

### *Profecia sobre a Negação de Discípulos (Mc 14,25-31)*

A experiência da angústia pessoal do justo sofredor, no SI 22, 10-12, é causada pela ausência de Deus no momento de perigo extremo, em contraste com os sinais de solicitude que Ele lhe demonstrara desde a infância. O relato da Paixão, ao invés de mencionar a reação de Jesus diante do iminente abandono dos discípulos, destaca a angústia dos discípulos em face da experiência do escândalo (v. 27-29), da dispersão (v. 27) e da negação (v. 30s), em antecipação à ausência de Jesus. Por outro lado, à profecia sobre a negação dos discípulos Jesus acrescenta a promessa do encontro com eles após a ressurreição, como sinal do perdão divino e da misericórdia de Deus, que realizará o desígnio salvífico na história por intermédio dos discípulos de Cristo.

Enquanto no SI 22,1-22 prevalece a perspectiva teocêntrica, para realçar a intervenção salvífica de Deus no passado, em flagrante contradição com sua ausência no presente, no relato da Paixão predomina a perspectiva cristocêntrica, para ressaltar a atualização do desígnio salvífico de Deus na celebração da Páscoa, na instituição da Eucaristia e nos sinais de misericórdia divina que Jesus deu aos discípulos.

### *B. Mediação da Salvação Divina*

A segunda secção da lamentação do SI 22,13-19 se dedica à descrição do sofrimento do justo, encenando, num tríptico, o estado físico do homem sofredor, cercado de inimigos. Presente em todos os salmos de lamentação, em nível individual ou coletivo, o problema do sofrimento do justo, na situação existencial, é superado pela confiança na libertação, face ao sofrimento e à morte, mediante a intervenção salvífica de Deus (SI 22,20-22). No AT, a doutrina da retri-

---

(24) Cf. J. GNILKA, *ibid.*, 34. R. PESCH acentua que o texto em Mc 14,25 não exprime um voto de abstenção, mas sim uma profecia sobre a morte de Jesus; em "Das Abendmahl und Jesu Todesverständnis", p. 167; artigo publicado por K. KERTELGE, *op. cit.*, 137-187. Segundo E. LOHMEYER, o texto de Mc 14,25 remete, sem referência à paixão e morte de Jesus, ao banquete escatológico de que Cristo participará em breve; em *Das Evangelium des Markus* (Meyers Kom.) Göttingen 1963, 304s.

---

buição, que via no sofrimento os juízos punitivos de Deus pelos pecados cometidos, não encontrava o motivo da situação aflitiva do justo. Não faltaram, porém, já no AT, tentativas de solução: o Sl 44 (43), 21-23, por exemplo, ao debruçar-se sobre esse problema, explica as causas da humilhação do povo eleito, não em termos de punição por infidelidade à aliança, mas em vista de sua habitual fidelidade para com Deus. Em outras palavras: o justo, precisamente porque é justo, tem de sofrer muito. Esse pensamento é explicitado posteriormente, no séc. IV-III a.C., pela indicação do motivo: Deus o faz por amor: "O SENHOR repreende a quem ele ama, como pai ao filho estimado" (Pr 3,12). Essa repreensão não é necessariamente um castigo, mas sinal da graça divina e oferta de nova oportunidade. Outras tentativas de explicação do sofrimento do justo se baseiam na concepção do martírio como testemunho de fidelidade à Lei divina (cf. 2 Mc 6,18-7,42), ou na idéia de acumular méritos na vida presente para desfrutar a recompensa na vida futura (Sb 3,1-9; 5,15s), ou na interpretação da paixão e morte do justo em termos de expiação vicária, segundo o texto do Dêutero-Isaías sobre o Servo do Senhor (Is 52,13-53,12).

O paralelo entre essa secção do Sl 22 e os correspondentes episódios da "História da Paixão" nos Sinóticos está na descrição dos sofrimentos do justo sofredor e nos relatos sobre os sofrimentos de Jesus, ultrajado pelos membros do sinédrio, torturado pelos soldados romanos, e finalmente condenado ao suplício da crucifixão. Entretanto, ao contar os fatos da cruel realidade, os Sinóticos não têm por objetivo acentuar quanto Jesus sofreu, mas destacar quem ele é e por que motivo foi submetido a tal humilhação. O tema central que abarca os episódios dessa secção é a mediação da salvação divina realizada por Jesus através do sofrimento.

#### *Getsêmani e Processo Judaico (Mc 14,32-72)*

A cena da agonia de Jesus no Getsêmani ilustra, por um lado, a relação de filiação divina de Cristo com o Pai e, por outro lado, o antagonismo entre o Filho do Homem e os ímpios (25). O desígnio de Deus de entregar o Filho do Homem nas mãos dos pecadores suscita reações opostas: aceitação obediente por parte de Jesus, perplexidade por parte dos apóstolos e rejeição por parte de Judas. Jesus vai ao en-

---

(25) É sempre neste sentido que o título "Filho do Homem" é aplicado a Cristo. Cf. H. KESSLER, *op. cit.*, 249.

contro da morte por ato consciente e voluntário, pois quem o entrega é Deus (26), embora as autoridades judaicas sejam a causa próxima da condenação de Cristo. Na entrega do Filho do Homem manifesta-se o extremo a que pode chegar a malícia humana no confronto com o amor de Deus pelos homens (27). Esse confronto está presente em toda a vida pública de Jesus, em sua atuação no mundo dos homens, aos quais é ele enviado para reconduzí-los a Deus. O mundo, representado pelo poder político (sinédrio, herodianos, romanos), pelo poder religioso (sacerdotes, fariseus, escribas) e pelo domínio do mal (Judas Iscariotes), não quer, todavia, por causa da injustiça que livremente abraçou, tolerar esse Jesus, o homem justo por excelência. Esses homens, por não aceitarem outra salvação, que não aquela que eles mesmos propõem e representam, rejeitam, no Messias, a salvação que vem de Deus. Ora, isso implica que Deus não pode salvar o mundo, sem, ao mesmo tempo, aceitar a morte injusta que aguarda seu Enviado. Ao enviar seu Filho ao mundo, Deus, de fato, o entrega à destruição pela morte. Entretanto, nesse ato revela-se o paradoxo do amor de Deus pelos homens: nem mesmo a morte de seu Filho é obstáculo intransponível à vontade salvífica de Deus. Deus, porque quer a salvação a todo o custo (28), sacrifica seu Filho e, por sua mediação — não exclusivamente por sua morte —, realiza a salvação da humanidade.

A cena da prisão de Jesus e da fuga dos discípulos representa, de forma dramática, a entrega do Filho do Homem nas mãos dos pe-

---

(26) O verbo "será entregue" (*paradidōtai*) está no passivo divino; no NT é usado para indicar o desígnio oculto da vontade divina, realizado na Paixão do Filho do Homem.

(27) A agonia de Jesus no Getsêmani não é mera provação pessoal, em termos de experiência angustiante da malícia dos homens em revolta contra Deus, mas "uma provação messiânica", que faz de Cristo a vítima voluntária dos pecados da humanidade, antecipando-se, nesta cena, o julgamento divino da Parusia. A. FEUILLET, *L'Agonie de Gethsémani*, Paris 1977, 200.

(28) No evangelho de Marcos, toda a atividade de Jesus é apresentada a partir de sua morte na cruz, como ponto central de sua vida, e que nos possibilita a compreensão de tudo que antecede e de tudo que segue essa morte. Partindo da morte de Jesus, Marcos reconstrói o núcleo central de sua vida, ressaltando a descontinuidade entre o cristianismo e o judaísmo, a saber: as palavras e ações de Jesus inexplicáveis no ambiente judaico e também os fatos que mais dificultam do que ajudam a fé da comunidade cristã, e, de modo particular, a característica da atualidade escatológica, isto é, tudo que Jesus diz e faz para a instauração do Reino messiânico-escatológico. Cf. F. LAMBIASI, *Autenticidade histórica dos Evangelhos*, São Paulo 1978, 246.

---

cadores. Jesus é reconhecido pela atitude de livre entrega aos homens e a Deus, tornando-se inútil a cilada de Judas. Jesus não opõe resistência ao desígnio de Deus, nem permite que os seus se oponham a esse desígnio. O abandono dos discípulos vem confirmar, em forma de sinal externo, a experiência interna do abandono de Deus, que Jesus sentiu em sua prece pelo afastamento do cálice do sofrimento. O silêncio de Deus vinha ratificar seu eterno desígnio, que Cristo devia executar em meio à hostilidade dos pecadores e incompreensão dos discípulos.

O relato do processo judaico enlaça o testemunho de Jesus e a negação do discípulo. À primeira vista parece tratar-se, no processo judaico, de dirimir uma questão jurídica sobre as pretensões messiânicas de Jesus. Na realidade, porém, estão em julgamento todo o ensinamento e toda a atuação de Jesus em sua vida pública, pelo fato de ele se arrogar uma autoridade superior à de Moisés, desautorizando, assim, todo o sistema religioso do judaísmo, abalando pela base as estruturas da hierarquia, da Torá e das instituições culturais. Diante do sinédrio Jesus declara solenemente a autenticidade de sua missão como Messias transcendente e sua dignidade de Filho de Deus. Embora no judaísmo daquela época não tenha sido corrente a definição do Messias como Filho de Deus, os Sinóticos atribuem a Jesus esse título para identificar a transcendência do Messias, em termos de vinculação com Deus e participação da soberania divina, apesar de ele não exercer essa soberania no âmbito temporal, como o demonstra sua humilhante condição de mestre abandonado pelos discípulos e prisioneiro indefeso. Entretanto, a resposta de Jesus ao sumo-sacerdote não se restringe ao testemunho de ser ele o Messias transcendente e o Filho de Deus, mas anuncia que seus adversários hão de aceitar sua soberania, quando ele aparecer para exercer o julgamento.

O paralelo com o Sl 22, 13-14 permite ver nos ultrajes, dirigidos a Jesus pelos funcionários do sinédrio (Mc 14,65) ou pelos próprios sinédritas (Mt 26,67), o motivo da condenação de Jesus à morte, não por ser ele um criminoso, mas por ser o justo por excelência, que, segundo o desígnio de Deus, é o mediador da salvação divina.

#### *Processo Romano (Mc 15,1-20a)*

Embora a declaração de Jesus no sinédrio tenha anulado qualquer equívoco político acerca da missão do Cristo, as autoridades judaicas, por não terem competência de impor a pena de morte, fazem da acusação contra Jesus um caso político ante o tribunal romano,

---

sob o pretexto de que qualquer messianismo tem sentido político, por ser uma ameaça ao império romano. As três cenas, construídas em torno do título de Cristo — “Rei dos Judeus” (29) — constituem uma unidade: o inquirido inocenta Jesus das acusações e confirma sua realeza; no confronto com o criminoso Barrabás, o rei é postergado e torna-se, na terceira cena, objeto das zombarias da soldadesca romana. O texto paralelo do SI 22,15-16 sobre a agonia do justo sofredor se aplica a Jesus, submetido ao suplício da flagelação. Por atroz que seja o sofrimento físico, maior é o sofrimento moral do supliciado, que experimenta as conseqüências da pena judicial, decretada por Pilatos. Entretanto, a decisão de Pilatos de entregar Jesus para ser crucificado obedece ao decreto do desígnio divino, de acordo com a Escritura: “tu me lanças ao pó da morte” (SI 22,16); é Deus quem o entrega à morte (30).

### *Crucifixão (Mc 15,20a-32)*

O relato da crucifixão é elaborado em duas cenas: o desenrolar do suplício e a tríplice zombaria. As citações do SI 22 entremeadas no próprio relato são pistas indicativas, na busca de sentido para o escândalo da cruz: uma questão de vida ou morte para a Igreja primitiva, em sua tentativa por assimilar na fé o paradoxo do aniquilamento de seu divino fundador. A crucifixão punha em xeque a própria legitimidade da missão de Jesus, aparentemente rejeitado por Deus. O “Rei dos Judeus” pregado na cruz era o fator determinante da descontinuidade entre o cristianismo e o judaísmo, pois não havia tradição escriturística sobre um messias crucificado, para a qual os cristãos pudessem apelar, na apologética contra os judeus. Era necessário, por conseguinte, desvendar, na morte cruenta de Jesus, o mistério do cumprimento do desígnio de Deus, na entrega da própria vida pela salvação dos homens.

---

(29) O título “Rei dos Judeus” não é um título cristológico nem era usado pelos cristãos da Igreja nascente, por causa do perigo de uma fixação no âmbito temporal e político da atividade messiânica de Jesus. Nos Evangelhos, porém, este título tem significado teológico, pelo fato de enunciar o predicado messiânico de Jesus no contexto da Paixão. Cf. F. HAHN, *Christologische Hoheitstitel*, 4ª ed. Göttingen 1974, 195ss. Cf. E. LOHSE, *A história da paixão e morte de Jesus Cristo*, trad. da 2ª ed. alemã de 1967, São Paulo 1977, 131s.

(30) O verbo “entregou” (*parédoken*), usado no texto de Mc 15,15, aponta, nos relatos da Paixão, para seu significado de evento escatológico; cf. acima, nota 26.

---

*Prece e Morte de Cristo (Mc 15,33-41)*

A prece de confiança é, nos salmos de lamentação, a expressão da mudança radical operada na alma do aflito, indicando a passagem da experiência de opressão para a certeza da libertação. A causa dessa mudança é um ato de fé na presença de Deus, que penetra até às profundezas da miséria humana para intervir em favor do justo que lhe é fiel. Ao invocar o nome de Javé (SENHOR), apela-se ao Deus da graça, cuja intervenção na história — como o atesta, com sobejos exemplos, o passado de Israel — a súplica procura atualizar no presente. Apelando para a aliança sagrada com o povo eleito e para a sua própria filiação divina, que têm sido para ele a mediação da presença de Deus, Jesus, em face da morte, dirige a Deus uma prece, que inicia com as palavras da invocação do Sl 22, 2-3. Na situação atual, a ausência de Deus intensifica ao extremo o suplício da cruz e constitui a provação mais dolorosa, envolta nas trevas da solidão absoluta. O Sl 22, prenunciando, como paradigma do sofrimento humano, a Paixão de Cristo, introduz na súplica uma profunda alteração, omitindo a tradicional imprecação contra os inimigos, que, um dia, será substituída pela intercessão de Cristo em favor dos pecadores (Lc 23,34). O brado de Jesus, do alto da cruz, é a expressão de seu consentimento à plena realização do desígnio salvífico de Deus, mediante o sacrifício de sua vida.

O ato de morrer é expresso pelo verbo "expirar", que significa soltar o último alento, ou seja: entregar (devolver) o espírito, que, segundo a antropologia hebraica, volta para Deus, que o deu ao homem. Ao morrer, Jesus "soltou o espírito" (*aphêken tò pneûma*: Mt 27,50) para que voltasse para Deus, ou, na formulação joanina, "entregou o espírito" (*parédoken tò pneûma*: Jo 19,30), devolvendo-o àquele que é seu autor. Eclesiastes, ao descrever a dissolução da vida do corpo, separado da alma, enuncia a lei do retorno de ambos à sua condição original: "O pó volte à terra, onde estava antes, e o espírito volte para Deus, seu autor!" (Ecl 12,7)

Cristo, ao entregar sua vida a Deus, que o tinha entregado às mãos dos pecadores, realiza o desígnio salvífico pelo sacrifício de sua vida, ao passo que o justo sofredor do Sl 22 quer ver realizada nele a salvação divina, ao ser libertado da morte e reinstituído na terra dos viventes (31). Tanto para Cristo como para os fiéis do povo eleito

---

(31) O salmista vê na intervenção salvífica de Deus não apenas a libertação de seu sofrimento mas também a vindicação do poder de Deus, insultado pelos ímpios como pseudo-salvador (v. 9).

---

a meta da vida se lhes afigurava em termos de união com Deus. Que essa vida de união perdurasse para sempre, para além da vida temporal, era para os israelitas objeto de tênue esperança; para Cristo era absoluta certeza. Devido à limitação da revolução no' At, a vida futura estava envolta em total mistério; assim o salmista ansiava por desfrutar a vida intramundana na presença de Deus, na terra prometida, restando-lhe a esperança de continuar, após a morte, a participar dessa presença através de seus descendentes (cf. Sl 22,30-32).

A morte de Cristo trouxe a ruptura entre o cristianismo e o judaísmo, visualizada, em linguagem apocalíptica, no véu do Templo, rasgado de alto a baixo, como repto do judaísmo, que se recusava a aceitar como Messias esse Jesus crucificado (32). Removido o céu do Templo, ficou franqueado aos pagãos o acesso à revelação divina, que lhes era vedado pelo exclusivismo judaico. O testemunho do centurião, a respeito de Jesus, prenuncia o acesso do mundo pagão à fé cristã (33). O véu rasgado implica especialmente a passagem da instituição do Templo para um organismo vivo, representado pelo grupo de mulheres que tinham *seguido* o Cristo até ao Calvário e o tinham *servido* desde o início da vida pública.

#### *Sepultamento* (Mc 15,42-47)

Esta perícope, originalmente uma narração independente, parece não ter sido relacionada ao relato da Paixão nem ao da Ressurreição (34). Marcos insere-a aqui para formar um enquadramento de todo o relato da Paixão pela referência à Páscoa (14,1::15,42), que é a chave interpretativa do plano divino de salvação. Além disso, esta perícope serve de transição para a segunda parte pela menção do grupo de mulheres, presentes ao pé da cruz e junto ao túmulo vazio. Assim como foram testemunhas da morte de Jesus, igualmente o são

- 
- (32) O texto paralelo de Mateus (27,50-53) acrescenta alguns elementos novos: sinais que acompanham a morte de Jesus; eles são de âmbito cultural: a ruptura do véu do Templo; de âmbito cósmico: o tremor de terra; e de âmbito escatológico: a ressurreição de mortos. Cf. P. BONNARD, *L'Évangile selon Saint Matthieu*, (CNT), 2ª ed. Neuchâtel 1970, 404.
- (33) O testemunho do centurião não é formulado em termos de profissão de fé em Cristo, por considerá-lo apenas do ponto de vista humano: "este homem era filho de Deus", que soará na formulação de fé cristã: "este homem é o Filho de Deus".
- (34) Cf. G. SCHNEIDER, *Die Passion Jesu nach den drei älteren Evangelien*, (Biblische Handbibliothek 11), Munique 1973, 137.

---

do sepultamento, atestando que Jesus não foi enterrado numa vala comum, como os sentenciados à morte: principalmente, elas constata-ram o lugar onde o corpo de Jesus é colocado, para depois localizar o "túmulo vazio".

O tema central desta períclope, como também da precedente, é a atualização da salvação divina: já consumada na cruz, ela ainda era, para as pessoas presentes ao sepultamento, apenas objeto da esperança, a concretizar-se no reino messiânico (cf. Mc 15,43). Segundo a concepção vigente no judaísmo, o advento do reino messiânico seria precedido pela ressurreição dos justos, que, tendo lutado contra o mal, participariam da instauração da nova era (35). Ao lado dessa concepção sobre a vida no além — em termos de retorno do *sheol* (ou de uma mansão intermédia) e de ressurreição do corpo —, existia outra, que propunha a esperança de definitiva união do justo com

- 
- (35) Cf. o Livro de Henoc, obra apócrifa composta em meados do séc. I, a.C., escrita em hebraico ou aramaico, mas conservada apenas em língua etiópica. É de notar que neste livro só se prevê a ressurreição dos justos (cap. 45; 48; 92), enquanto aos ímpios está reservado o castigo eterno no *sheol* (cap. 103, 5-8). Segundo a concepção tradicional do AT, o destino comum de todos os mortais era a mansão dos mortos, onde desfrutavam de outra forma de existência (Jó 3,13-19). Essa mansão, chamada *sheol*, era imaginada como uma cova, situada sob as bases das montanhas (Jn 2,3-7; Dt 32,22); um ambiente de trevas (Jó 10,21s), de silêncio (Sl 94,17), de pó (Jó 17,16), de esquecimento (Jó 14,21), e de languidez (Is 14,10), do qual não havia retorno à terra dos vivos (2 Sm 12,23; Jó 7,7-10). Antes de se modificar a concepção sobre a vida no além, era necessário transformar o *sheol* em morada intermédia, da qual o defunto seria removido para outro tipo de existência. Um corolário disso é a necessidade da ressurreição do corpo, por estar intimamente ligado à alma. A referência mais antiga a esse tipo de desenvolvimento da concepção sobre a ressurreição se encontra em Is 26,19 e Dn 12,2s. Segundo o texto de Is 26,19 unicamente os justos hão de ressurgir (cf. também 2 Mc 7,9+14), enquanto Dn 12,2s afirma que tanto os justos como os ímpios hão de ressurgir, aqueles para a vida eterna, esses para a desonra. Os estágios de desenvolvimento da concepção sobre o *sheol* parecem ser os seguintes: primeiro, mansão perene para todos os defuntos, sem incluir a idéia de recompensa ou retribuição; segundo, mansão intermédia dos justos e ímpios, como lugar de purificação dos justos, cujo processo purificador é acelerado pelos sufrágios oferecidos em seu benefício pelos fiéis na terra (cf. 2 Mc 12, 43-46); terceiro, mansão infernal destinada aos ímpios para castigo eterno (cf. Livro de Henoc, cap. 103, 5-8).

---

Deus imediatamente após a morte, enquanto o ímpio desceria ao *sheol*. Não haveria ressurreição. (36)

Com esta perícope sobre o sepultamento, o relato da Paixão chega a seu fim, encerrando "com uma pedra diante da entrada do sepulcro" a atividade pública de Jesus. A presença do grupo de mulheres no sepultamento visualiza a continuidade sociológica do grupo de discípulos: sua comunidade continuará depois da Páscoa.

### 2ª Parte: Relato da Ressurreição

O relato da Ressurreição constitui a segunda parte da "História da Paixão", intimamente relacionada com a primeira parte pelo tema da salvação divina, que as unifica, assinalando suas conseqüências em relação a Cristo e à comunidade dos discípulos. Se a cruz foi o destino inapelável do Filho do Homem, é essencial à vida cristã do discípulo o seguimento de Cristo (Mc 8,34); como a cruz foi para Cristo o instrumento da salvação e o caminho para a glória, assim será para o discípulo meio de salvação (Mc 8,35). Porém a meta do seguimento de Cristo não é a cruz, mas a ressurreição, que, pela intervenção definitiva de Deus, comprova o valor e a eficácia do sacrifício de Cristo. Em retrospecto sobre a Paixão de Jesus, o valor de seu sacrifício reside, não apenas no heroísmo demonstrado em sua morte, mas, não menos, em sua total entrega a Deus e aos homens durante toda a sua vida, para culminar na morte; pela exaltação à glória, Jesus teve confirmado, com aprovação divina, o valor de seu sacrifício. Após a Páscoa, Jesus aparece somente aos que o aceitaram na sua existência pré-pascal e que ainda recordam com amor seu convívio. A fé coloca o Cristo celeste em continuidade com Jesus terrestre. A mediação da

---

(36) A impreciação contra os ímpios no Sl 9,18 invoca sobre eles o destino infeliz na outra vida. Se o *sheol* fosse o destino universal de toda a humanidade, o salmista não o consideraria como lugar de castigo, reservado aos ímpios (cf. também Sl 55,16); Pr 5,5; 7,27). A antítese entre o destino do justo e do ímpio é explicitada no Sl 49,14-16: o ímpio desce ao *sheol*, ao passo que o justo é arrebatado para junto de Deus (cf. também Pr 14,32). A polaridade entre vida e morte implica dois destinos: estado de felicidade e infelicidade. O argumento teológico para o desenvolvimento da doutrina sobre a vida no além baseia-se na experiência da união com Deus: ora, essa união com Deus só é real, se transcende a limitação de tempo e espaço, por meio da união da criatura com o Deus transcendente, união não interrompida pela morte, mas perpetuada na vida futura (cf. Sl 16,8-11; 73,23-28).

---

salvação divina, realizada por Jesus durante a sua vida e morte, estende-se ao âmbito universal pelo Cristo ressuscitado. Sua presença junto aos fiéis, cujo número, a partir da comunidade dos discípulos, vai crescendo em assembléia de irmãos no Senhor, até abranger todas as nações e povos, é confirmada pela promessa de sua assistência aos seus, na propagação da fé cristã e na expansão da Igreja. A propagação da fé pascal proclama igualmente, como consequência da salvação divina, a vitória sobre a morte, na presença do Cristo ressuscitado e na continuidade da fé, professada pelos discípulos, isto é: testemunho de fé nas palavras de Jesus e em sua divina pessoa. O acontecimento pascal não criou uma fé nova, desvinculada do ensinamento e do testemunho do Jesus histórico; apenas, a fé foi aprofundada e fortalecida, purificada e aperfeiçoada. Para que a Páscoa pudesse ser compreendida como cumprimento do desígnio salvífico de Deus, era necessário que os discípulos vissem em Cristo indícios de sua função messiânica (37).

Na forma literária, o relato da Ressurreição se distingue do relato da Paixão pela sobriedade na descrição das aparições, usando uma linguagem salpicada de terminologia litúrgica e de expressões da experiência religiosa, o que se explica pela própria natureza dos fatos estupendos ali narrados, como também por influência da estrutura e da linguagem da segunda parte do Sl 22, que celebra a intervenção salvífica de Deus, num hino de ação de graças, no qual a alma agradecida do salmista se desdobra em generosidade nos vários ritos litúrgicos. Em analogia ao hino, podemos assinalar: a) elementos litúrgicos: Páscoa; as palavras do anjo, formuladas em linguagem de profissão de fé cristã: procurar Jesus de Nazaré, que foi crucificado, mas ressurgiu (Mc 16,6); a bênção de Cristo sobre os fiéis (Lc 24,50s); liturgia de louvor divino (Lc 24,53); b) elementos constitutivos da experiência religiosa do cristianismo: batismo, como sacramento de iniciação na fé cristã (Mt 28,19s); interpretação cristã da Escritura; oração; Eucaristia; união com o colégio apostólico (Lc 24,13-53); atitude de temor reverencial (*trómos* e *ékstasis*) diante do mistério de Deus (Mc 16,8); consolação interna, como característica fundamental da experiência religiosa (Lc 24,41); adoração (*proskýnesis*) prestada ao Cristo ressuscitado (Mt 28,17); conversão, como pré-requisito da participação na salvação divina (Lc 24,47).

---

(37) Cf. H. SCHÜRMANN, "Die vorösterlichen Anfänge der Logientradition", em H. RISTOW e K. MATTHIAE, *Der historische Jesus und der kerygmatische Christus*, Berlin 1961, 342-370.

---

A análise comparativa do hino de ação de graças e do relato da Ressurreição mostra a dimensão comunitária da experiência da salvação, que implica a expansão da fé no único Deus Salvador e a participação de todos os povos nas conseqüências da salvação realizada por Cristo.

### *Ressurreição e Aparições de Cristo (Mc 16,1-8; Mt 28; Lc 24)*

Em analogia com o hino de ação de graças, que começa com a celebração do louvor de Deus, em testemunho público, na comunidade dos fiéis, sobre a salvação, após uma grave aflição pessoal, o relato da Ressurreição inicia com a revelação do mistério pascal pela mensagem do anjo às mulheres, censuradas por andarem em busca do passado, ao voltarem ao túmulo para embalsamar o defunto; ele não está; o túmulo vazio comprova que Jesus está vivo, porque Deus o ressuscitou. Todavia, as mulheres são chamadas a indicar aos discípulos o futuro deles com Jesus. O anúncio da ressurreição se antecipa à referência ao túmulo vazio: o túmulo vazio não é o fundamento da fé, embora não se possa separar da fé no Cristo ressuscitado.

### *1ª conseqüência da salvação divina: comunidade dos discípulos*

A incumbência de convocar os discípulos para a Galiléia aponta para o encontro com o Ressuscitado. O episódio do túmulo vazio não é, portanto, um prelúdio dos encontros pascais, mas o testemunho de uma revelação pascal (que aconteceu diante do túmulo). Embora ninguém tenha visto a ressurreição, as mulheres são encarregadas de convidar os discípulos para o encontro com o Ressuscitado. Vê-se o Ressuscitado, não o ato de sua ressurreição. Somente o encontro com o Ressuscitado fundamenta a fé pascal. Uma nova comunidade de seguidores de Cristo começa a ser constituída, segundo a ordem ascendente em hierarquia, pelo grupo de mulheres, pelos discípulos e por Pedro, que são as primeiras testemunhas da revelação pascal. O Sl 22,23-25 enumera, na mesma ordem, os membros constituintes da comunidade do povo eleito: os que temem ao SENHOR, os descendentes de Jacó e os descendentes de Israel. Os tementes do SENHOR não são líderes do povo eleito, como não são testemunhas qualificadas da ressurreição as piedosas mulheres. Todavia, uns e outras têm função essencial na comunidade dos fiéis por causa do testemunho de fidelidade, de humilde e sacrificada dedicação ao serviço de Deus e do próximo, e de corajoso empenho pela causa de Deus, em meio à

---

humilhação e ao sofrimento. A prática dessas virtudes é recompensada por especial atenção de Deus para com eles.

### *2ª consequência da salvação divina: comunhão com os irmãos de Cristo*

A indicação do encontro do Ressuscitado com seus irmãos, na Galiléia, tem analogia com o Sl 22,26-27, que menciona os marginalizados da sociedade — pobres, viúvas, órfãos e estrangeiros — como convidados de honra na celebração do sacrifício de ação de graças. A referência aos irmãos de Cristo não visa, portanto, seus parentes, mas seus adeptos, ainda que marginalizados pelas autoridades religiosas da Judéia, porque provenientes da semipaganizada região da Galiléia. A relação entre Cristo e seus fiéis estabelece um parentesco mais real e íntimo do que os laços de sangue (Mc 3,31-35), criando entre eles a mais verdadeira fraternidade, que os une entre si e os anima pelo mesmo espírito, de modo a invocarem a Deus como “nosso Pai” e se chamarem mutuamente, “irmãos em Cristo”. A indicação da Galiléia para lugar de encontro com o Ressuscitado tem significado especial para a Igreja nascente, por ter Jesus ali iniciado sua vida pública, em cumprimento da profecia messiânica de Isaías (8,23-9,1), citada em Mt 4,15s, e por lembrar aos discípulos sua vocação ao seguimento de Cristo (38). A compreensão de seu chamamento é aprofundada pelo fato da ressurreição, porque o seguimento de Cristo não é motivado por uma lembrança do passado, mas pela ressurreição, que significa 1º que Jesus vive de Deus, 2º que ele atua constantemente com poder divino, e 3º que ele os “precede”, isto é: que, por palavra e exemplo, ele indica o rumo e a meta à vida humana.

### *3ª consequência da salvação divina: conversão de todos os povos*

A dimensão universal da salvação divina implica a conversão de todos os povos, que, na visão do salmista, hão de associar-se ao povo eleito, professando a fé no único Deus verdadeiro (Sl 22,28-29). A universalidade da nova comunidade do povo de Deus encerra uma prospectiva de ansiosa esperança de que as gerações futuras venham a testemunhar sua fidelidade a Deus e proclamar aos pósteros a mensa-

---

(38) Cf. J. RADERMAKERS, *La bonne nouvelle de Jésus selon saint Marc*, Bruxelas 1974, 417.

---

gem da salvação divina (SI 22, 30-32). De maneira análoga, o mandato do Ressuscitado aos discípulos de ensinarem o caminho da salvação divina a todos os povos baseia-se na soberania de Deus sobre o mundo. A abertura universal aos povos rompe o círculo fechado do exclusivismo judaico, de sorte que a comunidade cristã palestinese se constitui, desde o início, em Igreja universal, por cujo intermédio Deus comunica sua salvação a todos os homens, sem discriminação étnica ou sectária. O batismo, como sacramento de iniciação na fé cristã, equivale à conversão, não meramente moral, mas sobrenatural, inserindo o cristão no mistério pascal e conferindo-lhe o caráter indelével de filiação divina. A promessa da assistência do Espírito Santo aos discípulos assegura a implantação do reino de Deus no mundo por ação direta do Cristo ressuscitado, com a cooperação de todos os seus discípulos, atuais e futuros.

### CONCLUSÃO

O paralelo entre o SI 22 e a "História da Paixão" ressalta, na semelhança da estrutura, a temática comum — a salvação divina — e a realização do desígnio divino em âmbito individual e provisório no AT, e em âmbito universal e definitivo no NT. Tanto o salmista como os Sinóticos apresentam o tema do desígnio da salvação divina, não em forma de reflexões doutrinárias, mas como o desenrolar de um drama no foro íntimo da consciência, onde o homem, a sós com Deus, vive existencialmente o problema do antagonismo entre sua liberdade, propensa ao mal, e o desígnio divino, inconsciamente executado por diversos atores no foro externo. Como esse tema é de fundamental importância para a compreensão da redenção divina e da opção humana de acolher ou rejeitar o dom da redenção, o SI 22 e a "História da Paixão" não são meros textos de leitura e fontes de inspiração, mas como que libretos litúrgicos, cuja proclamação servia para recordar e atualizar a intervenção salvífica de Deus, como revelação do desígnio divino e interpelação à resposta humana. E a comunidade dos fiéis não ouvia passivamente a recitação desses textos, mas participava ativamente dos ritos litúrgicos e da ação sacramental, proclamando, em nível comunitário, a intervenção salvífica de Deus, que, pela morte e ressurreição de Cristo, se tornou universal e definitiva.

#### ENDEREÇO DO AUTOR:

*Caixa Postal 5047 (Venda Nova)  
30000 — Belo Horizonte — MG*